



NIEBUH, Karsten. (1733-1815). Description de Arabie... Utrecht: Chez J. Van Schoonhoven, 1774. Apud: *Catálogo de Obras Raras ou Valiosas da Biblioteca Pública do Estado*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 48-49

Francisco José Alves*

Para Naide Barboza, admiradora e defensora entusiasta do Abais

A ocupação histórica do atual povoado do Abais, no município de Estância, litoral sul de Sergipe, tem sua origem nos começos do século 17. Em 1601, o padre Bento Ferraz, vigário confirmado da vigararia de Sergipe (ou seja, da incipiente São Cristóvão) pede ao capitão-mor da Capitania de Sergipe, Manuel de Miranda Barbosa, que lhe dê, em nome de sua majestade, uma sesmaria “em Vazabarris até o Abahi”. (“Carta [sesmaria] do Padre Bento Ferraz, Sergipe, 11 de março de 1601”. In: FREIRE, Felisbelo. *História de Sergipe*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 354-5.)

O documento seiscentista é muito lacônico quanto à localização precisa das terras doadas ao vigário Bento Ferraz. Todavia, o despacho do capitão-mor deixa entrever que a sesmaria do padre se estendia, pelo litoral, da foz do rio Vaza Barris até as lagoas do atual povoado do Abais (Estância-SE).

Vimos que o velho documento traz o topônimo grafado Abahi. Como Abahi tornou-se Abais?

Conforme os estudiosos da fonética, tal fenômeno não é incomum. É freqüente na dinâmica da língua. O fato recebe o nome técnico de paragoge e consiste “na adição de letra ou sílaba no fim de uma palavra”. (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 1495). Conforme o Aurélio, o fenômeno recebe ainda a designação de epítese.

Esses acréscimos ao fim das palavras não

são incomuns na fala do povo iletrado. Têm-se muitos exemplos deste procedimento lingüístico. Assim, quite vira quites; Kombi, kombis; Itabuna, Itabunas, etc. O mesmo ocorreu na passagem do latim para o português. O étimo latino ante tornou-se, na língua de Camões, antes. É, pois, a paragoge que explica a transformação do Abahi de antanho em Abais atual.

Abais é um legítimo vocábulo de origem tupi. Faz parte das dezenas de nomes de lugar procedentes da língua dos tupinambá que habitavam o litoral sergipano à época da colonização. O estudioso Armindo Guaraná (1848-1924) oferece a explicação etimológica do termo indígena. Abahi é palavra composta de dois elementos: **abá**: homem, índio, gente e **hi**: água, rio, lagoa, etc. Inteligindo o vocábulo, temos água ou rio do homem. O termo primitivo parece indicar a importância das lagoas na configuração ecológica da região. (GUARANÁ, Armindo. *Glossário etimológico dos nomes da língua tupi na geografia do estado de Sergipe*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, v. 3, f. 1-4, p. 297-327, 1916, p. 297.)

Os dois elementos que compõem Abais são muito encontrados noutros termos de origem tupi presentes na língua portuguesa contemporânea. Abá, está presente, por exemplo, no nome da famosa lagoa do Abaeté. Segundo os peritos, a palavra significa “homem verdadeiro, forte, ilustre”. Da mesma forma Abapuru quer dizer “homem que come gente”, antropófago. Abaré, por sua vez é “amigo da gente”. No entendimento do tupinólogo Teodoro Sampaio (1855-1937),

abá, na língua tupi, equivale “o homem”, a gente, a pessoa; o macho. (SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. 5 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1987, p. 188). É sempre com este significado que o termo comparece em palavras de origem tupi incorporadas à língua portuguesa.

Eduardo de Almeida Navarro, professor de “Tupi antigo” na Universidade de São Paulo, em obra recente, nos dá outros esclarecimentos quanto aos significados do termo tupi “abá”. Conforme ele, o vocábulo indígena refere-se a índio em oposição a um branco europeu; homem em oposição à mulher; humano em oposição a um animal irracional. (NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método Moderno de Tupi Antigo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 600). A luz destas informações o topônimo sergipano Abaís pode significar, dentre outras possibilidades, “lagoa do índio”.

O elemento “i” (presente em Abaís) é também muito freqüente noutros termos de procedência tupi que nomeiam cursos de água ou seja, hidrônimos. Ainda na geografia de Sergipe podemos citar os nomes de dois rios. É o caso do Piauí (rio dos Piaus) e Itanhí (nome indígena do rio Real que significa rio das itans ou conchas).

O fonema “i”, contido no termo Abaís, é identificado por tupinólogos antigos e atuais como significando “água ou volume de água”. Este é o caso de José de Anchieta (1534-1597),

Teodoro Sampaio (1855-1937), Antonio Gonçalves Dias (1823-1864), A. Lemos Barbosa, Francisco da Silveira Bueno e Eduardo de Almeida Navarro.

Na famosa *Artes de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*, do padre José de Anchieta, publicada em 1595, primeira gramática do tupi litorâneo antigo, a palavra em questão é assinalado pelo jesuíta célebre: “ig”, conforme o religioso, é rio. Da mesma forma “camuriig” significa “rio de robalos”. (ANCHIETA, José de. *Artes de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. Ed fac similar. São Paulo: Loyola, 1990, p. 6.)

Até o início do século 20 escrevia-se Abahi. À época, o vocábulo designava tanto as lagoas da região como um pequeno riacho confluyente do rio Fundo. Este último é um tributário do rio Piauí. O termo era um hidrônimo (nome de cursos de água). Depois veio a ser um topônimo (nome de lugar). O significado foi alongado. Estendeu-se do conteúdo para o continente, do mais particular para o mais geral. O mesmo ocorreu com Sergipe: o nome do rio passou a designar território. ●

*** Doutor em História Social pela UFRJ, Mestre em Antropologia pela UNB e Professor Efetivo do Departamento de História e do Mestrado em Sociologia da UFS.**

E-mail: fjalves@infonet.com.br